

Caminho epistemológico de narrativas pela paz

Ingrid Gomes Bassi. Pós-doutora em Processos Comunicacionais na Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Professora do Magistério Superior na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Brasil) ingrid.bassi@unifesspa.edu.br.

 ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-6501-3721>

 Google Scholar: <https://scholar.google.com.br/citations?user=c5FusEUAAAAJ&hl=es>

Introdução. O artigo articula uma proposta epistemológica que problematiza a narrativa para a alteridade, por meio da comunicação não violenta e dialógica. **Método.** A metodologia para o artigo é a análise hermenêutica (Thompson, 2011). Como corpus de análise são analisados os três minidocumentários da empresa Vivo no Brasil: #Repense2018: Razan Suliman - Refugiados são bem-vindos, #Repense2018: Giovanna - Meu corpo, minhas regras, #Repense2018: Ian - Talento especial. **Resultados.** A investigação da pesquisa baseia-se na desnaturalização de violências, na crítica de narrativas estereotipadas e na busca pela atuação mais ampla de temáticas complexas, como por exemplo, a formação dos sujeitos contemporâneos. **Conclusão.** Visualiza-se o aserto em recuperar as histórias pelas autobiografias, concomitantemente à expectativa gerada de ancorar o significado narrativo num diálogo com o interlocutor, estabelecendo a importância epistemológica da linguagem e suas prospecções.

[EN] Introduction. The paper articulates an epistemological proposal that problematizes the narrative for alterity, through nonviolent and dialogical communication. **Method.** The methodology for the article is hermeneutical analysis (Thompson, 2011). As the corpus of analysis are analyzed the three mini-documentaries of the company Vivo in Brazil: #Rethink2018: Razan Suliman - Refugees are welcome; #Rethink2018: Giovanna - My body, my rules; and #Rethink2018: Ian - Special talent. **Results.** The investigation of the research is based on the denaturalization of violence, on the criticism of stereotyped narratives and on the search for the broader performance of complex themes, such as the formation of contemporary subjects. **Conclusion.** The assertion is made in retrieving the stories by autobiographies, concomitantly with the expectation generated to anchor the narrative meaning in a dialogue with the interlocutor, establishing the epistemological importance of the language and its prospections.

[ES] Introducción. El artículo articula una propuesta epistemológica que problematiza la narrativa para la alteridad, por medio de la comunicación no violenta y dialógica. **Método.** La metodología para el artículo es el análisis hermenéutico (Thompson, 2011). Como corpus de análisis se analizan los tres minidocumentarios de la empresa Vivo en Brasil: #Repense2018: Razan Suliman - Refugiados son bienvenidos, #Repense2018: Giovanna - Mi cuerpo, mis reglas, #Repense2018: Ian - Talento especial. **Resultados.** La investigación del artículo se basa en la desnaturalización de violencias, en la crítica de narrativas estereotipadas y en la búsqueda por la actuación más amplia de temáticas complejas, como por ejemplo la formación de los sujetos contemporâneos. **Conclusión.** Se ve el aserto en recuperar las historias por las autobiografias, concomitantemente a la expectativa generada de anclar el significado narrativo en un diálogo con el interlocutor, estableciendo la importancia epistemológica del lenguaje y sus prospecções.

Palavras-chave: Epistemologia, Narrativa, Paz, Alteridade, Dialogia, Comunicação não violenta.

[EN] Keywords: Epistemology, Narrative, Peace, Alterity, Dialogue, Nonviolent communication.

[ES] Palabras clave: Epistemología, Narrativa, Paz, Alteridad, Dialogía, Comunicación no violenta.

Sumário. 1. Introdução. 1.1. Cooperação, dialogia e comunicação não violenta. 2. Método e estratégias metodológicas. 2.1. Corpus de análise. 2.2. Contexto sociocultural e análise narrativa 3. Resultados. 3.1. Proposta para a paz. 4. Considerações finais. 5. Referências Bibliográficas.

[EN] Contents. 1. Introduction. 1.1. Cooperation, dialogue, and nonviolent communication. 2. Methodology and methodological strategies. 2.1. Corpus of analysis. 2.2. Socio-cultural context and narrative analysis 3. Results. 3.1. Proposal for peace. 4. Final Considerations. 5. Bibliographic references.

[ES] Sumario. 1. Introducción. 1.1. Cooperación, diálogo y comunicación no violenta. 2. Método y estrategias metodológicas. 2.1. Corpus de análisis. 2.2. Contexto sociocultural y análisis narrativo 3. Resultados. 3.1. Propuesta para la paz. 4. Consideraciones finales. 5. Referencias bibliográficas.

1. Introdução

Refletir sobre a não violência e um caminho para a paz emerge num estado orgânico de crise humana, de estatísticas que apontam às mortes, de homicídios que escancaram a inércia política e social de governos, organizações e civis. Segundo o Atlas da Violência 2018, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) do Brasil, a Colômbia e o Brasil, em 2013¹ respectivamente apresentaram 31,7% e 28,6% homicídios – óbitos causados por agressão mais intervenção legal, por cem mil habitantes. No caso colombiano em 2000 a taxa era maior, especificamente de 71,4% e o Brasil 26,7%. (2018, p.16) Ambos países lideram atualmente os indicadores de violência e homicídios na América do Sul, e no continente americano perdem no ranking apenas para El Salvador (34,4) e Belize (33,2%) – na América Central e Bahamas, no Caribe, com 34,2%. (2018, p.10-13)

Ainda no Brasil a taxa de 2016 ultrapassou 30 mortes por 100 mil habitantes, num total de 62.517 homicídios. (2018, p.20) Somado a essa conjuntura estatística dos dados de homicídios por habitantes, há para pesquisadores do tema da violência o histórico ainda mais perverso, a lógica da naturalização das violências que simbolicamente exercem influência precisa nas relações sociais e na maneira como a sociedade tem se relacionado com os sujeitos contemporâneos.

Para Muller (2007) aplaude-se àquele que mata, num filme estilo drama e mesmo na versão de desenho infantil vê-se com frequência o assassinato do outro, do inimigo, daquele que bloqueia o fluxo linear do herói, ou seja, normaliza-se e se ancora positivamente a morte do oponente, no imaginário social coletivo.

¹ Os dados apresentados foram realizados a partir de categorias de habitantes confiáveis, da Organização Mundial de Saúde (OMS), classificados como “Alta qualidade”.

No estudo filosófico da não violência, Muller destaca duas problemáticas do seu significado, a primeira é a justificativa do seu uso, portanto, como instrumento, o qual se pode medir, julgar sua aplicação pelo critério da eficiência. Explica que a essa conotação cultural desloca seu valor ético para seu valor pragmático. Tal mudança evidencia sua probabilidade de êxito, e conseqüente, avaliação de sua utilidade. Questão que permite as ações violentas deixarem de ser uma opção, para ganharem o território do “cálculo”. (Muller, 2007, p.82)

A segunda realidade é a construção de sentido da violência representar um caminho necessário, até a extirpação de qualquer perigo da humanidade, ou seja, até a chegada da era futura. Para a ação violenta parte-se do pressuposto que os fins - o futuro - justificam os meios - sabotar o presente.

Assim, o homem da violência se perde no futuro. Promete a justiça, promete a paz, mas sempre para amanhã. Dia após dia, ele renova a mesma promessa, transferindo a justiça e a paz para o dia seguinte. E assim sucessivamente até o fim da história. E cada dia presente se enche de violência e sofrimentos, destruições e mortes. O presente do homem não pode ser considerado um simples meio de alcançar um futuro que seria seu fim: ele é por si mesmo seu próprio fim. (Muller, 2007, p.83)

Como princípio da ação não violenta Muller destaca que esse futuro, enquanto fim, é uma visão política abstrata, a qual se baseia na defesa e segurança das sociedades; mas que na busca de uma alternativa à violência, ou seja, um outro princípio formador de consciência, a não violência, deve lutar ativamente pela aversão reforçada a qualquer forma de violência. (Havel apud Muller, 2007, p.84)

Nessa proposta alternativa esclarece a importância da atitude dos indivíduos em relação aos pressupostos incoerentes e injustos. Nesse sentido provoca, identificando a não violência como resposta história para o caminho para a paz.

É a partir desta justificativa social, ou seja, de que a violência não tem propósito humano salutar, de convivência para o bem-comum e até mesmo civilizatório, que o presente artigo apresenta o objetivo central em problematizar as três narrativas 1) #Repense2018: Razan Suliman - Refugiados são bem-vindos, 2) #Repense2018: Giovanna - Meu corpo, minhas regras, 3) #Repense2018: Ian - Talento especial, prospectando uma epistemologia para se refletir/indicar um caminho para a paz, à luz da dialogia e da alteridade. Para essa articulação faz-se uso da análise hermenêutica (Thompson, 2011), investigando nas três narrativas citadas como as biografias e histórias são contadas e conotadas, estabelecendo o diálogo com os sujeitos envolvidos na comunicação. Tentativas de uma comunicação para a paz.

1.1. Cooperação, dialogia e comunicação não violenta

Pensar numa narrativa para a paz, pressupõe-se compreender como culturalmente as sociedades encaram suas relações humanas, diante das diversidades sociais em que convivemos. Para o contemporâneo nessa discussão, Richard Sennett (2012), a cooperação é uma saída possível. O conceito refere-se a uma troca cujas partes se beneficiam e também completa que o ser humano se coopera para conseguir o que não costuma alcançar sozinho. Entretanto, cooperar não necessariamente significa a prática para o bem comum, levanta a questão do cooperar e do competir, como por exemplo a competição no contexto dos mercados econômicos, na política eleitoral e nas negociações diplomáticas. Práticas da cooperação do “nós-contra-vocês”, as quais tendem a desequilibrar as práticas da cooperação para o bem comum. (2012, p.15-6)

Um dos principais problemas na ótica do autor, da prática da cooperação, é a formação de grupos em lógicas culturais tribalistas, para Sennett o tribalismo “[...] une solidariedade com aqueles que se parecem e agressão aos que são diferentes”. Em sociedades complexas

como a atual tribalizar, tamanha diferença cultural, reduz as singularidades e delimita as fronteiras pessoais de convivência. (Sennett, 2012, p.14)

Sociedades complexas como as nossas dependem da circulação dos trabalhadores através das fronteiras; contêm diferentes etnias, raças e religiões; geram estilos divergentes de vida sexual e familiar. Tentar delimitar toda essa complexidade em um único molde cultural seria repressivo, politicamente, mentindo a nosso respeito. O “self” é uma mistura de sentimentos, afinidades e comportamentos que raramente se encaixam de maneira perfeita; qualquer tentativa de unidade tribal reduz essa complexidade pessoal. (Sennett, 2012, p.14)

Nesse prognóstico traz a construção dos Outros e a potencialidade de neutralizar toda a diferença. Contexto advindo da própria relação social com a economia de mercado e a desigualdade histórica. “Um dos resultados é o enfraquecimento do impulso de cooperar com aqueles que se mantêm teimosamente Outros”. (Sennett, 2012, p.19)

Nisso explica as dificuldades encontradas para a prática cooperativa. “Estamos perdendo as habilidades de cooperação necessárias para o funcionamento de uma sociedade complexa”. (Sennett, 2012, p.20) Nesse sentido, o pesquisador pontua a possibilidade da cooperação intensa, em que as habilidades humanas se inclinariam a ser dialógicas. Entende como discussão dialógica, a importância da troca no ouvir do outro, há um aprendizado subliminar nesse contexto, mais valioso até do que estar certo. Nessa discussão dialógica, “[...] embora não se chegue a um acordo, nesse processo de troca as pessoas podem se conscientizar mais de seus próprios pontos de vista e ampliar a compreensão recíproca”. (Sennett, 2012, p.32)

No processo dialógico o papel do ouvinte numa discussão requer observação especial; sugere mais refinamento no ouvir em comparação com as próprias declarações:

Geralmente, quando falamos das capacidades de comunicação, nós nos concentramos na melhor maneira de expor algo com clareza, apresentando o que pensamentos e sentimos. De fato, são necessárias habilidades para fazê-lo, mas elas são de caráter declarativo. Ouvir bem exige outro conjunto de habilidades, a capacidade de atentar de perto para o que os outros dizem e interpretar antes de responder, conferindo sentido aos gestos e silêncios, tanto quanto às declarações. Embora talvez precisemos nos conter para observar bem, a conversa que daí resultará será enriquecida, mais cooperativa, mais dialógica. (Sennett, 2012, p.26)

Sennett, citando Michel de Montaigne, explica o foco da dialogia em analisar as questões sob todos os aspectos, para visualizar as muitas versões da questão, possibilitando essa reflexão no intuito das pessoas se tornarem mais calmas e objetivas em suas formas de entender, conviver, agir e reagir. (Sennett, 2012, p.332)

Também salienta a empatia, como prática exigente, porém fundamental no desenvolvimento de uma conversa; o ouvinte precisa sair de si mesmo para garantir a empatia do outro. Outra característica importante nesse processo de cooperação intensa é a liberdade de agir. A liberdade passa a fazer parte do desenvolvimento e experiência para a cooperação.

Com a união de empatia, paradigma dialógico, liberdade e habilidades surge o desafio da prática cooperativa intensa, “A boa alternativa é um tipo exigente e difícil de cooperação; ela tenta reunir pessoas de interesses diferentes ou conflitantes, que não se sentem bem em relação umas às outras, que são desiguais ou simplesmente não se entendem. O desafio

consiste em reagir aos outros nos termos deles. É o desafio de toda gestão de conflito”. (Sennett, 2012, p.16)

Portanto, para além da questão ética, a cooperação para Sennett surge da atividade prática, assim como ela tende a sustentar os grupos sociais nas tragédias e “infortúnios”. (2012, p.16) E a prática desse tipo de cooperação colabora com as pessoas e grupos a aprender as consequências dos próprios atos e experiências de vida. “O que ganhamos com os tipos mais exigentes de cooperação é a compreensão de nós mesmos”. (Sennett, 2012, p.17)

Então, para Sennett a prática da cooperação intensa exige habilidade. “Aristóteles definia a habilidade como *techné*, a técnica de fazer com que algo aconteça, fazendo o bem; o filósofo islâmico Ibn Khaldūn considerava a habilidade terreno específico dos artifices”. (apud Sennett, 2012, p.17) Sennett sugere que comumente “habilidades sociais” podem expressar pessoas hábeis em vender coisas das quais não se precisa, porém salienta a existência de habilidades sociais requeridas para a atividade de mediação, como ouvir com atenção – inclusive o ambiente e outras observações –, “[...] agir com tato, encontrar pontos de convergência e de gestão da discordância ou evitar a frustração em uma discussão difícil. Todas essas atividades têm um nome técnico: chamam-se ‘habilidades dialógicas’”. (Sennett, 2012, p.17)

Nessa teoria, deve-se abandonar o tom do ser humano ser racionalmente competitivo, embora pertença a essa cultura marcadamente competitiva. Desde uma troca corriqueira de ideias, descompromissada, até em reuniões decisivas, o convite segue para capacitar a escuta, bem como é proposto um olhar cuidadoso das partes, “[...] eximir-se de assertividade é uma disciplina que abre espaço para olhar para a vida de outra pessoa, e também para que ela possa olhar para a sua”. (Sennett, 2012, p.37)

Como gestão de conflitos atuais, até mesmo da vida cotidiana, em família, atividades laborais, nos relacionamentos, nas instituições de lazer, Sennett aponta o uso de agentes de conflitos, os atuais mediadores. Contudo, com ou sem a presença desse ofício que requer arte, diplomacia e prática; primeiro as pessoas devem agir de forma ativa, “[...] as pessoas precisam se manter conectadas”, segundo, elas devem trazer na bagagem habilidades diplomáticas nos momentos de as questões apresentarem-se de forma complexas e de decisões difíceis. (Sennett, 2012, p.291)

No caminho para uma narrativa para a paz, além da cooperação e da dialogia, há o uso da linguagem e da sua ancoragem sociocultural. O teórico Marshall Rosenberg indica um quadro-modelo, de como os sujeitos contemporâneos podem se expressar, a partir de uma lógica que preze a não violência entre os envolvidos na comunicação, chamando-a de “comunicação não-violenta”, na sigla: CNV. (2006, p.19) Problematiza também, que neste processo da expressão não violenta as pessoas se ouvem com maior empatia e respeito, além de trabalharem autodescobertas sobre si mesmas.

À medida que a CNV substitui nossos velhos padrões de defesa, recuo ou ataque diante de julgamentos e críticas, vamos percebendo a nós e aos outros, assim como nossas intenções e relacionamentos, por um enfoque novo. A resistência, a postura defensiva e as reações violentas são minimizadas. Quando nos concentramos em tornar mais claro o que o outro está observando, sentindo e necessitando em vez de diagnosticar e julgar, descobrimos a profundidade de nossa própria compaixão. (Rosenberg, 2006, p.22)

Esse quadro baseia-se em quatro processos: “1 – observação; 2 – sentimento; 3 – necessidades e 4 – pedido”. (Rosenberg, 2006, p.25) O primeiro fundamenta-se em observar o que de fato ocorre em uma situação, perguntando para si, o que os interlocutores estão dizendo ou fazendo que seja um processo enriquecedor ou não para as vidas

relacionadas à situação, incluindo-se também na pergunta. Para Rosenberg, é essencial articular a resposta sem elaborar julgamento ou avaliação. (2006, p.25)

Ainda no primeiro passo o autor esclarece importante diagnosticar qual ou quais os sentimentos foram acionados nesta observação, como por exemplo: sentir-se magoado, com raiva, assustado, com medo, humilhado entre outros. Na lógica do quadro da CNV, para facilitar resolver os conflitos emergentes desta observação, indica-se expressar as emoções, outrora apenas latentes. Deve-se identifica-las, mesmo que para isso seja consequência torna-se mais vulnerável no processo da conversa. A verdade nessa conexão aproxima o eu do outro, para um contexto do nós. (Rosenberg, 2006, p.76)

No próximo passo a ideia de Rosenberg é reconhecer “[...] quais de nossas necessidades estão ligadas aos sentimentos que identificamos aí”. (Rosenberg, 2006, p.25) Ou seja, ocorre uma reflexão analítica. Descobre-se esses sentimentos para iniciar o apontamento das necessidades. Uma atenção do autor é que: “O que os outros dizem e fazem pode ser o estímulo, mas nunca a causa de nossos sentimentos”. Na ideia, pede-se para exercitar positivamente quando se chega a mensagem negativa, identificando seus próprios sentimentos e necessidades, e fugir da lógica mais comum de culpar a si próprio e/ou culpar os outros. O desafio, para Rosenberg, é aproximar os sentimentos das necessidades, assim o outro tenderá a ser mais compassivo. (2006, p.95)

Na última parte do quadro conceitual de Rosenberg, desenvolve-se o pedir, contudo de forma específica, no sentido de focar à outra pessoa o que esteja querendo, com clareza e com o cuidado para o pedido ser construído com base no enriquecimento das vidas envolvidas, numa linguagem de “ações positivas”. (2006, p.12)

Portanto quando se expressa o pedido, nessa teoria e ação propositiva, as conversas tornam-se ampliadas. Rosenberg explica, por exemplo, numa situação em que se quer saber dos pensamentos do interlocutor na conversa: “Gostaria que você me dissesse se prevê que minha proposta terá sucesso e, caso contrário, o que você acha que pode impedir seu sucesso”, ao invés da posição: “Gostaria que você me dissesse o que acha do que acabei de dizer”. A comunicação não violenta especifica o pedido, assim, encaminha os pensamentos os quais gostaria de saber da outra pessoa. (2006, p.115-6)

“O objetivo da CNV não é mudar as pessoas e seu comportamento para conseguir o que queremos, mas, sim estabelecer relacionamentos baseados em honestidade e empatia, que acabarão atendendo às necessidades de todos”. (Rosenberg, 2006, p.127) Por isso que para o autor da CNV, a maneira como se expressa o pedido ganha ainda mais atenção na cultura atual, por muitas vezes associarem a precisão do pedido como exigência, imposição, e talvez o atrelarem a falas punitivas, e mais, as pessoas poderiam se sentir culpadas ao não atender o pedido. Para isso, a proposta da CNV é deixar o interlocutor livre, fazer o pedido e abordar para ele atender apenas se o puder.

O objetivo central da CNV é desvincular os processos comunicacionais que se utilizam de julgamento, comparação, limitação, e alienam a vida; moralizando e podendo ferir os interlocutores na comunicação. (Rosenberg, 2006, p.48)

“Ao mostrar como nos concentramos naquilo que realmente desejamos, em vez de naquilo que há de errado com os outros ou com nós mesmos, a CNV nos dá as ferramentas e a compreensão de que precisamos para criar um estado mental mais pacífico”. (Rosenberg, 2006, p.246) Para a lógica da comunicação não violenta, o caminho para uma narrativa de paz passa pela observação do contexto, identificação de sentimentos, conexão desses sentimentos com as necessidades de quem se expressa, e emissão do pedido por meio de uma linguagem positiva. A CNV pode colaborar como processo de linguagem para as relações conflituosas da contemporaneidade, além de ser conceituada como um modo de compreender os seres humanos, como aqueles capazes de focar o bem-estar coletivo, como possibilidade real e propositiva.

2. Método e estratégias metodológicas

O referencial teórico da dialogia e da comunicação não violenta contribui no entendimento para a análise hermenêutica. (Thompson, 2011) Para John B. Thompson em *Ideologia e Cultura Moderna* há três procedimentos principais ao referencial metodológico da hermenêutica de profundidade (HP).

O primeiro procedimento é a análise sócio-histórica que engloba: situações espaço temporais; campos de interação; instituições sociais; estrutura social e meios técnicos de transmissão. (Thompson, 2011, p.365)

Nas situações espaço temporais verificam-se especificidades no espaço e tempo de atuação das formas simbólicas, em análise pela hermenêutica. Assim como há campos de interação em que essas formas simbólicas agem. (Thompson, 2011, p.366) Nos três minidocumentários em análise, as situações espaço temporais podem ser entendidas como o momento cultural, histórico e geográfico em que esses produtos de mídia são produzidos pelos meios e recebidos pela sociedade.

O momento de produção da campanha #Repense2018 pela empresa Vivo de telefonia, internet e canais de TV a cabo, situa-se num ano de incentivo em combater o assédio sexual sofrido pelas mulheres, no ambiente de trabalho e nas relações e práticas sociais. Tal incentivo esteve atrelado às lutas correlatas no ambiente internacional, de personalidades feministas buscando igualdade salarial e de respeito de forma geral, acompanhado pelo movimento #MeeToo, que também recebeu apoio de outros gêneros no combate ao assédio. Em contrapartida, no Brasil e, também, em partes no mundo viu-se o retrocesso cultural em relação ao preconceito e discriminação do imigrante, em especial no País (Brasil) os haitianos e venezuelanos, e na Europa, os imigrantes advindos de fugas das guerras em continente africano, asiático e do Oriente Médio.

Portanto, o lançamento em 2017/2018 da Campanha publicitária #Repense2018, propondo outros olhares no conceito “Viva menos do mesmo”, por meio de comerciais para a TV aberta e minidocumentários no canal da Vivo no Youtube, indicou a atuação situada da empresa no contexto histórico de sua produção e encaminhamento publicitário-opinativo.

Essas situações espaço temporais demarcam os campos de interação (Thompson, 2011, p.366-7) que são universos singulares em que se observa a ação e posicionamento de trajetórias, cujo movimento gera algumas das relações entre pessoas e provoca propostas entre elas. (Thompson, 2011, p.366) Os campos de interação variam dos objetos-mundo analisados, no estudo das narrativas dos minidocumentários (#Repense2018: Razan Suliman - Refugiados são bem-vindos, #Repense2018: Giovanna - Meu corpo, minhas regras, #Repense2018: Ian - Talento especial) destacam-se o próprio formato dos produtos analisados, que ganharam mais tempo de duração no canal da empresa Vivo na plataforma do Youtube, em comparação com a publicidade na TV aberta. Outro campo de interação, é a inclusão dos sujeitos reais como narradores de suas histórias, trazendo o protagonismo da campanha para a fala de pessoas comuns, em seus conflitos cotidianos. A proposta desses campos de interações nas situações espaço temporais citadas, problematiza a empresa Vivo posicionar-se sobre assuntos expostos, estabelecendo relações de identidade com os públicos empaticamente envolvidos.

Já nas instituições sociais, acontece o que Thompson (2011, p.367) chama de “conjunto de regras, recursos e relações”, no caso da análise dos minidocumentários, a agência de mídia Y&R² que produziu a campanha #Repense2018 trabalha como um grupo de produção de

² O case #Repense2018 pode ser consultado no site da empresa Y&R no Brasil: <https://saopaulo.yr.com/work/vivo-visoes-case/>. A agência Y&R se conceitua como “[...] uma das agências mais icônicas do mundo. Acreditamos no poder das ideias que ajudam a fazer crescer e transformar os

mídia (comunicação, publicitária, de informação), desenvolvendo práticas e ações pontuais. Os produtos são ações definidas com objetivos atentos às atitudes do público, movimentando as relações sociais e respectivas interações com os produtos criados. Outro “recurso” da instituição agência de mídia é o impacto das agendas temáticas que dialogam com os campos de interação, no caso os temas-conceitos nas campanhas – o conceito: “Viva menos do mesmo”, da campanha #Repense2018. Além do atributo “relações” estar conectado com as comunidades culturais de vivências e experiências que interagem com os resultados das propagandas.

Outra questão que chama atenção sobre as instituições sociais nesta análise, é a proposta da campanha “Viva menos do mesmo” ter projetado em parceria com a empresa Google³, exporem os vídeos da Campanha em *targets* e posts, por meio do cruzamento de dados associados aos temas “*haters*” e “vítimas de *cyberbullying*” nas redes sociais digitais dos que procuravam assuntos próximos.

No caso da agência Y&R que produziu os minidocumentários, o uso da tecnologia para estreitar as relações sobrepostas, com público e temática contemporânea, pôde proporcionar mensagens educativas e preventivas, tanto sobre a questão da cooperação aos refugiados, como a crítica à ditadura da beleza, bem como amparar com conhecimento sobre a capacidade das pessoas com deficiência.

Para Marina Daineze, diretora de Imagem e Comunicação da Vivo, a #Repense2018 trouxe à Vivo a assumir “[...] um papel de protagonista para discutir questões que vão além de serviços de conexão e de tecnologia. Acreditamos que uma marca contemporânea deve acompanhar e participar das conversas e discussões que ocorrem na sociedade; essa é a forma de se tornar uma marca relevante e se inserir na vida das pessoas”. (apud Alves, 2017)

Nesse sentido, o próximo item, a estrutura social tende a estabelecer os princípios e fundamentos mais estáveis do sistema sócio-histórico, tal como a cultura do consumo que contribui com consumidores dos bens simbólicos das campanhas de mídia, em especial a Campanha #Repense2018. Por mais que os minidocumentários apresentem características narrativas de aprofundamento sobre temas e histórias que a agenda midiática tradicional não costuma pautar, ainda diz respeito a produtos de campanha publicitária, nas três narrativas verificam-se a importância da conexão, da internet, das redes sociais. A tecnologia como instrumento de mediação das informações em rede, potencializa e ressignifica os consumidores, agora, em consumidores digitais e influenciadores digitais para o consumo.

Enquanto os “meios técnicos de construção de mensagens e de transmissão” são as mediações em que as formas simbólicas e informações chegam ao destino para as quais foram produzidas. (Thompson, 2011, p.368) Por meio desta descrição, verificaram-se que, para este estudo, os meios técnicos de transmissão são os três minidocumentários #Repense2018. Para Thompson “Os meios técnicos conferem às formas simbólicas determinadas características, certo grau de fixidez, certo grau de reprodutibilidade, e certa possibilidade de participação para os sujeitos que empregam o meio” (2011, p.368). Os minidocumentários apresentam coerência no formato narrativo, expresso diretamente pelas personagens reais entrevistadas, assim como se unem na proposta de ver as circunstâncias socioculturais com outros olhares, além da presença da música Crazy de Gnarl's Barkley, cantada em outra versão por Alma Thomas, na trilha em comum das produções publicitárias. Outra possibilidade de participação por meio da publicação dos minidocumentários, foram os comentários no canal da Vivo e em redes sociais digitais para o público em geral. Foi

negócios dos nossos clientes”, dentre a cartela de clientes há o Banco Santander, a Vivo, a Telefônica e a Honda.

³ Disponível em: <https://saopaulo.yr.com/work/vivo-visoes-case/>. Acessado em: 21 de janeiro de 2019.

verificado, para as personagens Razan, Giovanna e Ian, as suas inclusões em meios sociais de interesse; como a Organização das Nações Unidas, para a Razan, refugiada síria no Brasil, e, também, participações em programas de mídia, promovendo debate sobre os temas problematizados por eles em suas narrativas.

No segundo procedimento da análise hermenêutica acontece a análise formal ou discursiva que podem desenvolver as ações de: análise semiótica, análise da conversação, análise sintática, análise narrativa ou análise argumentativa. (Thompson, 2011, p.365)

Em paralelo a essa categorização da análise formal, define-se na hermenêutica a linguagem como representante da “relacionalidade de homem e mundo”, ou seja, a forma comum em se comunicar na qual se relaciona ideias e formas de pensar a partir de matrizes verbalizadas (BASTOS; PORTO, 2015, p.319). A partir deste pressuposto, identificaram-se as narrativas propostas nos três minidocumentários como objetos relacionais à análise, demarcando, assim, o segundo passo da HP na definição da análise narrativa (Thompson, 2011, p.373) que se procura “[...] identificar os padrões, personagens e papéis básicos que são comuns a elas”, para Thompson é importante compreender o papel na narração da história e sua relação com o enredo e desenvolvimento extra narrativo. (2011, p.374)

Como terceiro e último momento da HP ocorre a Interpretação/Reinterpretação. (Thompson, 2011, p.365) Na interpretação/reinterpretação da HP a análise é baseada nos dois primeiros procedimentos, desenvolvendo a interpretação e reinterpretação de ambos resultados. O que implica “[...] um movimento novo de pensamento, ela procede por síntese, por construção criativa de possíveis significados”. (2011, p.275) Esse procedimento será discutido no item 3. Resultados.

2.1. Corpus de análise

Para caminhar para à análise da hermenêutica de profundidade é essencial ser descrito o conteúdo dos minidocumentários: 1) #Repense2018: Razan Suliman - Refugiados são bem-vindos, 2) #Repense2018: Giovanna - Meu corpo, minhas regras, 3) #Repense2018: Ian - Talento especial.

#Repense2018: Razan Suliman - Refugiados são bem-vindos

Como primeira imagem há o padrão da campanha publicitária, de caracterizar o letreiro de busca, estilo *google*, e as expressões vão surgindo como resposta, da procura. No minidocumentário da Razan Suliman (5m6s), o indicativo é: “No meu país você é negada”, com a imagem da protagonista vestida de camisa caqui e hijab azul claro com florais preto, dando impulso na balança, num parque ao fundo. Posteriormente, há a *logo* da Vivo, “Vivo apresenta”, e seguem as falas da entrevista-depoimento da Razan, sobre o conflito de ter sido rotulada de terrorista no Brasil, por usar o vestuário muçulmano para mulheres.

Inicia a narrativa desabafando sobre o episódio em que um homem na rua a chamou de “mulher da bomba”, e ela diante do fato, ficou sem reação. Nesta parte é introduzido o texto “Encontrando Razan”, em que a produção traz fotografias da destruição da Síria, seu país de origem. Razan conta que é refugiada da guerra da Síria, e que veio para o país em 2014, com o marido e um filho. Explica que decidiu sair da Síria, quando uma bomba caiu na escola em que estavam, e que dividiam um cômodo com outra família. Nessa época sua tia, seu tio e seu primo morreram. Neste momento são mostradas fotografias da escola em que moravam, de como ficou depois das explosões. Nas falas, a Razan veste um vestido listrado branco e azul marinho, em cima de uma blusa de mangas compridas azul marinho e o hijab de cor creme, e os enquadramentos variam entre ângulo normal, plano americano, plano fechado e primeiro plano.

Ao voltar para seu depoimento, conta que ficou no Líbano três meses, mas seu marido não conseguia trabalho, então, decidem ir para à França. Mas são barrados no aeroporto, por

serem sírios. Vão para o Brasil, e ao chegarem no país, Razan comenta que teve receio das pessoas não as aceitarem, por ser muito diferente. Posteriormente, são resgatadas fotografias da Razan e seu filho e Razan e seu marido. Razan comenta que seu marido trabalhou de assistência para celular, mas ganhava muito pouco, as vezes dava para comprar fraldas e não sobrava dinheiro para outra coisa. Nesse momento descreve o episódio de ter presenteado, com esfirras, a vizinha de prédio, que emprestava a senha do wifi para Razan se comunicar com sua família na Síria. As esfirras fizeram sucesso e a vizinha a ajuda na publicidade, criando inclusive uma página no *facebook*. Razan consegue doações de freezer e outros eletrodomésticos para produzir congelados e inicia, assim, seu empreendimento gastronômico com o marido “Razan comida árabe”. Seguem as fotografias de Razan e o marido, Razan e seus amigos, cardápio da “Razan comida árabe”, Razan e o filho pequeno e Razan e família. Entre as falas de Razan e os cortes para as fotografias, há a música Crazy.

No retorno à fala de Razan, ela está sorrindo afirmando que se não tivesse rede social no Brasil não teria como ter conquistado seu espaço, seu restaurante. Explica, descontraída, que ninguém mais manda nela e que se sente muito feliz por seu pai estar no momento da produção do minidocumentário assistindo-a balancear ao som da música, e que aos seus quase 28 anos isso tinha acontecido apenas uma vez, em sua infância. Diz que seu pai “sorriu também”, e assim, são trazidas imagens do cenário da produção, a praça, o pai abraçando alguém e a equipe de produção se movimentando.

No final da produção, Razan aparece novamente balançando e feliz. Logo depois, vem o indicativo de busca com a mesma frase “No meu país você é”, mas ao invés da expressão “negada” coloca-se “você quis dizer”, ficando: “No meu país você é *você quis dizer*: acolhida, feliz, bem-vinda”. Os adjetivos acolhida, feliz e bem-vinda, vão subindo um a um, até terminar no “bem-vinda”. Finalizando com a música, a imagem da Razan no balanço em movimento e a frase: “No meu país você é bem-vinda”.

Ao terminar o minidocumentário se encerra com as frases da Campanha, “Viva mais novos olhares.”, “E menos as mesmas opiniões.”, “#Repense2018”, “Vivo”.

#Repense2018: Giovanna - Meu corpo, minhas regras

Como primeira imagem há o padrão da campanha publicitária, de caracterizar o letreiro de busca, estilo *google*, e as expressões vão surgindo como resposta, da procura. No minidocumentário da Giovanna (2m40s), o indicativo é: “Foto de biquíni é sem noção”, com a imagem da protagonista vestida de biquíni preto colocando os óculos de sol na cabeça, no fundo vê-se o mar. Posteriormente, há a *logo* da Vivo, “Vivo apresenta”, e seguem as falas da entrevista-depoimento da Giovanna, sobre o conflito de ter sido rotulada como obesa e discriminada na infância e adolescência pelos colegas e pela escola em que estudava.

Inicia a narrativa comentando que não usa maiô, gosta de biquíni, e roupas com mais decote, porque gosta de se mostrar. Entretanto, viu-se num dilema, pois em casa usava e se sentia bem, já quando saía, não. Via os olhares das pessoas e se “sentia um lixo”. Nesta parte é introduzido um texto “Encontrando Giovanna”, em que a produção traz fotografias dela na infância e adolescência, conforme Giovanna conta sobre as passagens discriminatórias que sofreu nesta época, com destaque para o episódio dos colegas da escola que desenvolveram uma página na antiga plataforma *Orkut* de rede social, comentando sobre o peso e corpo da Giovanna, tal situação desdobrou-se em sua saída da escola, pelo fato apresentado pela direção do instituto escolar afirmar não ter mais vaga em sua turma. Nas falas, a Giovanna veste uma blusa estilo regata, preta, e os enquadramentos variam entre ângulo normal, plano fechado, plano americano e primeiro plano.

Giovanna continua na narrativa, explicando que foram muitos anos para desconstruir essa afirmação de preconceito e discriminação sobre sua imagem, e comenta sobre o momento cultural de empoderamento feminino colaborar nessa autoafirmação sobre o corpo, para além das idealizações pré-concebidas. Neste ato, o minidocumentário introduz novamente a imagem da Giovanna inicial, de biquíni recebendo cuidados breves da produção, como arrumando cabelo e indicando posição para o cinegrafista. Nos cortes de imagem, das falas da Giovanna, com as fotografias e imagens da sua produção, são intercalados com a música Crazy.

Na penúltima parte do minidocumentário, volta-se na narrativa-depoimento da Giovanna, descrevendo suas atitudes hoje, em relação ao conflito apresentado. Comenta sobre apagar e descartar as falas preconceituosas que ainda recebe, explora sobre suas saídas culturais e conquistas de autoempoderamento, e finaliza com sua afirmação sobre se achar bonita e “gostosa”. Novamente é resgatado as fotografias de Giovanna, de acordo com suas falas, agora, de suas poses com looks atuais.

No final da produção aparece novamente o indicativo de busca com a mesma frase “Foto de biquíni é”, mas ao invés da expressão “sem noção” coloca-se “você quis dizer”, ficando: “Foto de biquíni é *você quis dizer*: autoestima, segurança, confiança”. Os adjetivos autoestima, segurança e confiança, vão subindo um a um, até terminar no confiança. Finalizando com a música, a imagem da Giovanna de biquíni e a frase: “Foto de biquíni é confiança”.

Ao terminar o minidocumentário se encerra com as frases da Campanha, “Viva mais novos olhares.”, “E menos as mesmas opiniões.”, “#Repense2018”, “Vivo”.

#Repense2018: Ian - Talento especial

Como primeira imagem há o padrão da Campanha publicitária, de caracterizar o letreiro de busca, estilo *google*, e as expressões vão surgindo como resposta, da procura. No minidocumentário do Ian (2m58s), o indicativo é: “Você tem limitações”, com a imagem do protagonista Ian vestido de roupa de ginasta, se preparando para dar um salto, no fundo um cenário de ginásio. Posteriormente, há a *logo* da Vivo, “Vivo apresenta”, e seguem as falas da entrevista-depoimento do Ian, sobre ter síndrome de down e ser especial.

Após o letreiro de “Encontrando Ian”, a fala de Ian se concentra em descrever o que gosta de praticar, como dança e teatro. Ao longo da sua narrativa há as imagens dele dançando profissionalmente. Ian explica que já faz quatro anos que participa do grupo de dança, tirou a carteira profissional e viajou para Viena. Intercalando com imagens de suas apresentações de dança. Ian fala que “pisar no palco é uma portinha no mundo” e que ser famoso é alegria, benção, gratidão. Descreve a diferença para ele entre facebook, instagran e whats-app. Facebook e instagran são para divulgar e whats-app é para comunicar, combinar. Comenta que não quer criar grupo entre seus amigos, familiares e namorada, porque daria confusão.

Aumenta o som da música Crazy e roda as imagens de Ian se divertindo num ambiente pré-evento artístico, e, posteriormente, é destacado a fotografia dele numa apresentação de dança.

Ian, em seguida, narra a importância das pessoas que não têm síndrome de down conhecerem a realidade dos que apresentam down, diz ser “amor e paz”, e que tudo é pelo respeito, declara: “Viva pessoas normais, viva down”. Os enquadramentos da entrevista variam entre ângulo normal, plano americano, plano fechado e primeiro plano.

No final da produção aparece novamente o indicativo de busca com a mesma frase “Você tem limitações”, mas ao invés da expressão “limitações” coloca-se “você quis dizer”, ficando: “Você tem limitações *você quis dizer*: talento, potencial, futuro”. Os adjetivos talento,

potencial e futuro, vão subindo um a um, até terminar no futuro. Finalizando com a música, a imagem de Ian realizando um salto acrobático e a frase: “Você tem futuro”.

Ao terminar o minidocumentário se encerra com as frases da Campanha, “Viva mais novos olhares.”, “E menos as mesmas opiniões.”, “#Repense2018”, “Vivo”.

2.2. Contexto sociocultural e análise narrativa

No contexto atual dos processos midiáticos verificam-se ausências em discutir sobre o diferente, para além de simplificações e/ou representações exóticas. Na pesquisa sobre o Islã como o Outro, no jornalismo internacional, Gomes (2014) enfatiza que a diferença enquadrada da cultura muçulmana nos jornais Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, em específico, problematiza o Islã como exótico, homogeneizando seu discurso de forma simplificada, sendo assim, se potencializa o estereótipo dele como cultura religiosa fundamentalista e, por vezes, terrorista. O que se pergunta destes resultados analíticos é a quem interessa essas narrativas?, quais são os favorecidos? O que se pode confirmar, é um cenário de violências (Muller, 2007) acerca da ancoragem desse Outro-Islã (Gomes, 2014), além da dificuldade cultural de entendê-lo como um sujeito dialógico (Sennett, 2012) para a construção de uma comunicação não violenta. (Rosenberg, 2006)

Na relação de Gomes (2014) com os temas levantados nos minidocumentários, identificam-se dois fundamentos próximos. O primeiro diz respeito ao distanciamento de dar voz aos temas que envolvem certo grau de complexidade, tais como padrão de beleza, pessoas com deficiências no mercado de trabalho e cooperação com imigrantes e refugiados. A segunda questão, envolve como esses temas quando agendados nos processos midiáticos são expostos de forma simplificada, e/ou exotizada, e/ou, ainda, explorada por vozes que não as representem de fato. No jornalismo chamam-se de fontes primárias (Lage, 2001, p.49-73) aquelas que estão intrinsecamente ligadas ao fato e/ou evento e que podem expressar em primeira instância o assunto a ser aprofundado, como foram abordadas as narrativas dos minidocumentários.

Ainda na associação do conceito do Outro, de Gomes (2014), problematiza-se a facilidade de se observar na cultura ocidental a construção de Outros, ou seja, o estranhamento com o diferente que ressalta diferenças, ao invés de dialogar em busca por semelhanças. Essa constatação referencial sobre a cultura do ocidente demarca um pressuposto importante para se entender e refletir o contexto cultural das narrativas dos minidocumentários, no sentido de configurá-las como narrativas que tendem a quebrar as violências veladas do processo cultural de normatizar as vozes e representações dos protagonistas-narradores-sujeitos.

Nos minidocumentários a contextualização narrativa dos conflitos vividos, pelos próprios protagonistas traz profundidade nos temas abordados, bem como propõe proximidade entre suas representações sociais com as identidades hibridizadas que se relacionam, como por exemplo, a refugiada síria Razan Suliman, com culturas correlatas a sua, e com imigrantes e outros refugiados no País. O caso da representação narrativa da Giovanna, com muitos grupos e pessoas que tenham sofrido bullying e/ou terem passado por momentos conflituosos sobre sua aceitação física. No exemplo do artista e dançarino Ian, com muitos sujeitos deficientes ou não, que compreendam a capacidade do trabalho e do sucesso profissional para além de normatizações socioculturais.

Outra questão que envolve a narrativa ser contextualizada pelas personagens, diz respeito a afirmação do conflito, do sofrimento, da dor, do medo, da angústia por aceitação, ou seja, dos sentimentos que envolvem os conflitos vivenciados. A Razan conta sobre sua dificuldade inicial do Outro brasileiro, de uma cultura muito diferente da sua, e continua, ao costurar pela narração o momento que pela cooperação de sua vizinha e outros doadores, vislumbra a possibilidade de montar um restaurante. Razan expôs sua angústia, seu medo

inicial, seu confronto com o novo. A narrativa desta história é a possibilidade de entender um sujeito também em suas vulnerabilidades, mais próximo do ser integral. Exemplos, também, como de Giovanna em indicar o episódio dos colegas de turma, da escola e até recentemente, da tristeza em que sentiu de ver outras pessoas praticarem discriminações a ela, em relação ao seu corpo. Da alegria, entusiasmo e orgulho que o Ian apresenta na narrativa, ao explicar sobre a rotina do seu trabalho como artista e dançarino profissional, e da sabedoria em que demonstra ao pontuar sobre as ditas pessoas “normais” e com síndrome de down, pedindo respeito e vida aos dois grupos.

A violência representacional, comumente vista na grande mídia, corroborada pela simplificação e rótulo dos diferentes, é reconfigurada nestes minidocumentários, pela proposta assertiva de uma representação narrativa mais honesta, que soube canalizar o texto narrado para não os enquadrar como sensacionais e/ou exóticos.

As recuperações ilustrativas das imagens e fotografias personificam as histórias e suas correlações político culturais. A narrativa da Razan envolve partes da destruição da guerra na Síria, assim como a separação de familiares e de amigos pela questão da guerra, das imigrações e de outras fatalidades. Assim como, traz a cooperação de outras pessoas, na solidariedade de auxílios práticos e afetivos. A Giovanna traz em sua narrativa exposições pessoais de arquivos fotográficos, que significam para ela, em suas lembranças, a memória da aceitação do seu corpo, contra uma vasta ancoragem da indústria cultural de idealização do corpo feminino, que envolve desde produtos para cabelo, roupa, cirurgia plástica até outras intervenções cirúrgicas. Na história de Ian, sua narrativa afirma a capacidade das pessoas com síndrome de down, as imagens dele dançando em palcos pelo mundo, em diversas categorias de dança, viabiliza sua realidade como profissional, para além da deficiência. Outras imagens e fotografias problematizam a liberdade e a independência de Ian, em relação a terceiros, desatrelando-o da dependência, comumente também associada ao síndrome de down.

A escolha das imagens e fotografias, e a maneira como seus significados foram integrados à narração, indicam uma proposta de narrativa, que compreende a história e suas imbricações orais, sem perder os fundamentos contextuais que a conectam enquanto fato/evento. Tal construção colabora no reconstruir uma narrativa dialógica, pois consegue atrelar as histórias, os fragmentos e os pertencimentos do sujeito-objeto sobrepostos na contação.

3. Resultados

3.1. Proposta para a paz

Para prospectar a travessia epistemológica de narrativas pela paz entende-se interpretar/reinterpretar (Thompson, 2011, p.365) as funções da dialogia (Sennett, 2012) e da comunicação não violenta (Rosenberg, 2006) como pontes deste percurso.

Os minidocumentários apresentam conteúdo narrativo expondo os conflitos das personagens e como elas organizaram esses significados e, de certa forma, realinharam as violências sofridas para uma outra experiência, não vítima, não violenta reativa e não inerte.

Na busca pela dialogia, Sennett (2012) propõe que as informações sejam trazidas com clareza e contextualização aprofundada, principalmente quando os assuntos demandarem especificidades culturais que possam envolver tribalismos de identidade. As temáticas levantadas pelos minidocumentários envolvem raízes culturais de estranhamento à diferença, e, portanto, trazer as narrativas com um viés esclarecedor do ponto de vista do enredo, da personagem e da atuação afetiva dos conflitos enfrentados pelas personagens, dialoga os protagonistas com públicos carentes dessa necessidade empática.

A comunicação não violenta (Rosenberg, 2006, p. 48) também ocupa espaço essencial nesta articulação sobre o aprofundamento e clareza das informações e mensagens transmitidas. Por que, a partir do momento em que a comunicação acontece visando o bem-coletivo há maior chance de posicionamentos para a paz, entre os interlocutores, nesse intercâmbio comunicativo. Na comunicação não violenta (Rosenberg, 2006, p.22) é importante que o processo comunicativo seja enriquecedor para as vidas relacionadas à situação. Nos minidocumentários, as narrativas expressas fundamentam-se na dinâmica de ver o outro, o público, com o cuidado de explicar o conflito, pelo enfoque dos sentimentos e ressignificados apropriados pelas personagens, o que contribuiu para posicionar esses outros como sujeitos também ativos e aptos ao diálogo.

A proposta de produção dos minidocumentários, baseada na empatia no ouvir, pela agência Y&R, colabora na formação de “instituições sociais” (Thompson, 2011, p. 367) preocupadas com produtores de mídia que trabalharam “habilidades dialógicas” (Sennett, 2012, p.17) encontrando pontos de convergência e gestão de discordâncias (Sennett, 2012, p.17), ao invés de potencializarem narrativas rotuladas e violentas nas identidades salientadas.

Outras questões que envolvem a análise sócio-histórica são as situações espaço temporais (Thompson, 2011, p. 366) presentes na produção dos minidocumentários tematizarem fluxos comunicacionais caros para o momento cultural e político em que a sociedade evidencia, a partir de uma abordagem crítica e ética. Transportando aos campos de interações (Thompson, 2011, p. 366), como formato de mídia e fala dos sujeitos, respectivamente, duração de transmissão e empoderamento de atuação – enquanto protagonistas únicos.

Das problemáticas envolvendo a estrutura social (Thompson, 2011, p. 367) ao abarcarem a positivação do consumo das tecnologias, como a internet, e automaticamente a apropriação de celulares e outros dispositivos móveis (Lévy, 1997), os minidocumentários incentivam a cultura do consumo, porém, também, corroboram na potencialidade de compartilhamentos de três produções diferentes com propostas fundamentadas em históricas que prezam narrativas sem julgamentos e, ao mesmo tempo, posicionam-se no mercado de consumo, como gestores que tentam dar meio de transmissão (Thompson, 2011, p. 368) para as complexidades pessoais dos tempos de hoje.

Os minidocumentários apresentaram soluções da forma de trazer as narrativas, pois ao passo que não focaram em linguagem dicotomizada, dos viés “nós-contra-vocês” (Sennett, 2012, p.15-6), trouxeram equilíbrio na tecitura narrativa, permitindo ao outro o respeito de suas singularidades, a alteridade (Arruda, 2002), que é a possibilidade da posição para à paz, do acolher o outro nas suas diferenças.

4. Considerações finais

“A política é uma batalha de ideias; ao longo de um debate sadio, priorizamos metas diferentes e meios distintos de alcançá-las”. (Obama, 2017) A escolha em observar a vida sob o prisma dos interlocutores, como sujeitos ativos e dialógicos, é uma maneira necessária para pensar os conflitos de opinião e fundamentalismos emergentes. O ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, convocou em seu discurso de encerramento de mandato, os estadunidenses à compartilharem outras opiniões, as quais sejam diferentes, antagônicas. Identificou a polarização social em categorizar tudo e todos, num processo que beira ao “natural e inevitável” como uma emblemática ameaça ao sistema democrático, e, assim, salienta que para o fortalecimento da política democrática haja o acolhimento ao contrário. (Obama, 2017)

O acolhimento ao contrário é imperativo para pensar as sociedades contemporâneas. A questão ética e da valoração dos direitos humanos, como princípios norteadores de

civilização, são colocadas em xeque pelas várias manifestações de ódio, intolerância, discriminação e violências atuais. (Bauman & Bordoni, 2014)

Desejar um caminho de paz, do momento atual para frente, é urgente, e as narrativas impactam diretamente neste percurso. As mediações das mensagens, agora, com potencialidades de seguir, compartilhar, dar likes, argumentar, contra argumentar, reenquadram as dinâmicas sociais e afetivas, passando para os sujeitos acolher, de que forma acolher e não acolher.

No estudo deste artigo, analisando os três minidocumentários, presenciou-se o acolhimento de temáticas pouco exploradas, como da capacidade profissional das pessoas com síndrome de down e da aceitação positiva do corpo pela Giovanna, e de temas quando acolhidos, expostos de forma simplificada, reforçando estereótipos, como é o caso do assunto sobre refugiados, cultural árabe e imigrantes, diferente de como foi traçada a narrativa da Razan, no minidocumentário.

O caminho para uma narrativa para a paz impõe à essa narrativa performance por sujeitos que a represente diretamente, assim como, quando oportuno, inserir recursos imagéticos que sejam acoplados ao texto narrado de uma forma contextual e alinhada aos pertencimentos desses sujeitos-protagonizados. Além do cuidado na reconstrução da história, de demarcar no roteiro da narrativa aprofundamento nas problematizações de maior conflito sociocultural, principalmente quando as temáticas expostas já estiverem estereotipadas e amplamente socializadas nos processos comunicacionais.

Sobretudo, considerou-se prospecção assertiva o dimensionamento da autonarração a partir dos protagonistas dos minidocumentários, evidenciando a possibilidade de produções comerciais e voltadas para o mercado econômico, com a interface da dialogia e da comunicação não violenta, equipando a cultura midiática de epistemologias para à alteridade; além das produções conseguirem problematizar assuntos essenciais para a convivência humana no mundo das mediações e ancoragens.

5. Referências Bibliográficas

Agência Y&R. “Informações sobre a agência” in *site Y&R*. [<https://saopaulo.yr.com/>] (Retrieved 21/01/2019)

Alves, S. (2018). “#Repense2018: campanha da Vivo estimula novos olhares para o próximo ano. Empresa incentiva o público a deixar os preconceitos de lado” in *Agência B9* [<https://www.b9.com.br/83702/repense2018-campanha-da-vivo-estimula-novos-olhares-para-o-proximo-ano/>] (Retrieved 19/01/2019)

Arruda, A. (org.) (2002). *Representando a alteridade*. 2 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Atlas da violência (2018). “Atlas da violência 2018” in *Ipea e FBSP*. [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf] (Retrieved 17/01/2019)

Bastos, F.; Porto, S. D. Análise Hermenêutica, in: Duarte, J.; Barros, A. (Orgs) (2015). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 2 ed. São Paulo: Atlas.

Bauman, Z. & Bordoni, C. (2014). *State of Crisis*. Cambridge: Polity Press.

Binyan, L. (1993). Enxerto de civilizações. Nenhuma cultura é uma ilha. *Foreign Affairs*. Princeton: Nova Jersey, n.4, v. 72. p.152-4, set.-out.

Canal Vivo YouTube (2018). “#Repense2018: Ian - Talento especial” in *YouTube*. [<https://www.youtube.com/watch?v=qZVgDNPkOyU>] (Retrieved 21/01/2019)

Canal Vivo YouTube (2018). “#Repense2018: Giovanna - Meu corpo, minhas regras” in *YouTube*. [<https://www.youtube.com/watch?v=13yKaCmVoHs>] (Retrieved 21/01/2019)

- Canal Vivo YouTube (2018). "#Repense2018: Razan Suliman - Refugiados são bem-vindos" in *YouTube*. [<https://www.youtube.com/watch?v=D7G8EUga8fl>]. (Retrieved 21/01/2019)
- Fromm, E. (1956). *A Arte de Amar*. Trad. Milton Amado. São Paulo: Martins Fontes.
- Fromm, E. (1977). *A Revolução da Esperança: Por uma Tecnologia Humanizada*. Trad. Edmond Jorge. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Fromm, E. (1976). *Ter ou ser?* Trad. Nathanael C. Caixeiro. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Gomes, I. (2014). The coverage of Islam - marginalized and moralizing narratives. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 37(1), 71-89. [<https://dx.doi.org/10.1590/S1809-58442014000100004>]
- Lage, N. (2001). *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record.
- Lévy, P. (1997). *Collective intelligence*. New York: Harper Collins.
- Muller, J.M. (2007). *O princípio da não-violência. Uma trajetória filosófica*. Trad. Inês Polegato. São Paulo: Palas Athena.
- Obama, B. (2017). "Leia íntegra do discurso de despedida de Barack Obama" in *Jornal Estado de S. Paulo*. [<http://internacional.estadao.com.br/blogs/eua-2016/leia-integra-do-discurso-de-despedida-de-barack-obama/>] (Retrieved 19/01/2019)
- Rosenberg, M. B. (2006). *Comunicação não-violenta. Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Ágora.
- Sennett, R. (2012). *Juntos. Os rituais, os prazeres e a política da cooperação*. Rio de Janeiro: Record.
- Thompson, J. B. (2011). *Ideologia e Cultura Moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 9 ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes.



Ingrid Gomes Bassi

Pós-doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Unesp). Especialista em Globalização e Cultura pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Professora do Magistério Superior na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Coordena os Projetos de Pesquisa: Para além da crítica. Estudo sobre comunicações contemporâneas na interface com as novas exigências de alteridade para sociedades complexas; Observatório I: Mapeamento dos meios de comunicação de Rondon do Pará e Marabá. Membro do Núcleo de Estudos de Comunicação Comunitária e Cidadania - COMUNI e do Grupo AlterMídia - Estudos sobre Mídia e Alteridade. Contato: ingrid.bassi@unifesspa.edu.br. ORCID ID: [<https://orcid.org/0000-0002-6501-3721>]. Google

Scholar: <https://scholar.google.com.br/citations?user=c5FusEUAAAAJ&hl=es>. Índice h: 2.
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4695160738719008>.

Professora do Curso de Jornalismo
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – ICSA
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Unifesspa
Rondon do Pará – PA
Rua Rio Grande do Sul s/n, Pará, Brasil
CEP: 68638-000
Telefone: 55 (94) 2101-5943
ingrid.bassi@unifesspa.edu.br.